



## TRABALHADORES INFORMAIS DA PONTE DA AMIZADE

Romina Romero Nuñez<sup>30</sup>

### RESUMO

O artigo analisa o trabalho informal na fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, focando nos sacoleiros e laranjas que movimentam o comércio de produtos eletrônicos, de luxo e piratas. Utilizando observação etnográfica e entrevistas, investiga-se a dinâmica de trabalho, as dificuldades enfrentadas e os preconceitos sociais. Referências teóricas de Kottak, Eversole, Mosse e Escobar fundamentam a análise, destacando a importância de uma perspectiva cultural sensível e crítica ao desenvolvimento. O estudo faz considerações sobre as políticas de desenvolvimento que ignoram as realidades locais e propõe um olhar mais profundo para compreender as estratégias dos trabalhadores fronteiriços.

**Palavras Chaves:** Cultura, Sacoleiros, Políticas, Publicas.

### INTRODUÇÃO

As dinâmicas de trabalho informal na fronteira entre Foz do Iguaçu, Brasil e Ciudad del Este Paraguay, onde os sacoleiros e laranjas, trabalhadores informais, cumprem um papel importante no comércio de produtos, incluindo materiais de luxo, produtos eletrônicos e produtos piratas a demanda destes produtos provém das cidades metropolitanas. Neste sentido este trabalho tem por objetivo estudar e compreender as dinâmicas de trabalho dos sacoleiros e laranjas escutando suas perspectivas e experiências diretas em relação ao trabalho que desenvolvem em condições de extrema precariedade e risco.

---

<sup>30</sup> Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Integração Latino-Americana e mestranda do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento da UNILA.  
Contato: [roronu1419@gmail.com](mailto:roronu1419@gmail.com)



O interesse no tema começou da cotidianidade do entorno acadêmico e das conversas que surgiam referente a esta temática com conhecidos que trabalhavam de sacoleiros/laranjas para manter-se, e como se sentiam extremamente julgados pelo senso comum da sociedade que justamente consome estes produtos

### **METODOLOGIAS DA PRODUÇÃO ETNOGRAFICA**

Como breve fundamentação teórica temos a Kottak, Eversole, Mosse e Escobar, seguida de uma observação não participativa das atividades desenvolvidas pelos sacoleiros ou laranjas na região da tríplice fronteira. O termo “Sacoleiro ou laranja” é utilizado em este contexto de fronteira entre foz do Iguaçu e Ciudad del Este para referir-se a pessoa que atravessa uma fronteira de um país para comprar mercadorias/produtos neste estudo em específico costuma ser eletrônicos com valor mais baixo, os transporta de novo até o seu país de origem para que outras pessoas a revendem o para eles mesmo vender, os entrevistados neste trabalho utilizam esses dois termos mas se sentem mais identificados com o “laranja”, porque na maior parte do seu trabalho realizavam só o transporte das mercadorias de um lado para o outro mas pertenciam aos “sacoleiros” quem realizaria o pago pelo trabalho do laranja e levaria estes produtos para outras cidades do Brasil para sua comercialização em lojas.

Neste sentido, visualizando esta atividade desde a perspectiva de Kottak (2006), podem ser considerados como agentes sociais que movimentam a economia, mesmo sendo um trabalho informal que em sua maioria faz parte do sustento das famílias em situação de vulnerabilidade e desemprego fixo, existe uma fragmentação e preconceito para com as pessoas que trabalham como (sacoleiros, muambeiros, laranjas etc.). A diversidade cultural presente dentro deste trabalho é grande, desde o começo da interação humana para a aquisição dos produtos em um país, seu transporte ao outro país e sua posterior venda ou entrega ao dono, assim o foco deste estudo centra-se em compreender melhor o funcionamento das estratégias destes trabalhadores em meio das diversidades culturais, legais e econômicas. Kottak (2006) vai explicar que a cultura vai além das crenças, a cultura encontra-se regido por um sistema integrado que adapta-se e evolui com o tempo e o contexto. Por tanto, se uma parte da história muda, as demais partes também experimentam transformações.



Para isto optou-se pela observação não participativa dentro do marco da fronteira entre Brasil, Foz do Iguaçu e Paraguai, Ciudad del Este, para a arrecadação de dados etnográficos com muito cuidado para não cair no etnocentrismo que Kottak (2006) explica como uma tendência de julgamento as outras culturas desde o entendimento como correto e baseando-se na própria cultura, assim visualizando o trabalho dos “laranjas” como uma atividade econômica cultural na perspectiva de desenvolvimento da Eversole (2017), quem em sua obra explana sobre a importância de olhar a sensibilidade cultural mesmo que sua obra seja focada para a adaptação de estratégias de desenvolvimento para contextos específicos, estas podem ser de utilidade para pensar e planificar projetos que contemplem a realidade destes trabalhadores transfronteiriços.

Neste sentido um olhar relativista como explica Eversole (2017) é necessário ter esse olhar para entender e abordar os desafios presentes para os sacoleiros/laranjas desenvolvendo uma profunda sensibilidade para com as diferenças culturais assim tentando levar este mesmo olhar no campo para a relação de o “eu e o outro” ; olhar este aspecto do trabalho informal em suas especificidades e as facetas que apresenta tratando de nos colocar no exercício da alteridade referente a este trabalho de sacoleiros e laranjas desde os seus parâmetros com uma perspectiva crítica e entendendo as relações de poder existentes dentro da sociedade capitalista.

Para isto vem o segundo momento que foi o processo das entrevistas com os trabalhadores tanto antigos que trabalharam como sacoleiros e laranjas por muito tempo, mas hoje em dia não trabalham mais; como com quem ainda trabalha e para isso foram elaboradas algumas questões para conduzir a entrevista conversacional a modo de compreender a lógica operacional ou organização do trabalho que desenvolvem. Assim desconstruído perspectivas que se tinha antes de começar esta investigação, que surgiu da curiosidade de saber como funciona o trabalho destes trabalhadores considerando a proximidade na cotidianidade acadêmica (curso de graduação) com pessoas que trabalham em este entorno para sua subsistência no meio acadêmico e sempre surgiam questionamentos sobre o conceito da legalidade e sua variabilidade dependendo dos espaços nos quais se encontra a discussão, neste sentido este trabalho foi inteiramente realizado para esta disciplina em vistas a ementa da disciplina proporcionar os materiais teóricos para retomar a ideia (curiosidade) e realizar o estudo.



Mosse (2012), na sua experiência como antropólogo e consultor em programas de desarrollo, nos apresenta em seu trabalho a importância dessa sensibilidade para pensar nas diferentes culturas presentes na tríplice fronteira e planejamento estratégico de uma política de desenvolvimento com um olhar a inserção a campos laborais são de extrema necessidade para amortizar a superexploração presente em este trabalho como também o perigo que representa para os seus trabalhadores pensado nos diferentes contextos e horários e mercancias que são transportadas de um lugar a outro.

Mosse (2012) argumenta que as políticas de desenvolvimento são construções sociais e políticas que precisam ser participativas para que não terminem sendo reflexos das perspectivas e interesses de quem as desenha, pois elas acontecem normalmente nos escritórios dos governos ou organismos internacionais o que tal vez ocasiona no momento da sua implementação a divergência com as dinâmicas e diversidades culturais presentes no local. Nesse contexto as perspectivas de desenvolvimento vem na sua maior parte nesse intuito de melhorar, inovação espelhado no desenvolvimento dos países “modernos, desenvolvidos”, deixando um pouco por fora da modernidade e inovação a estes trabalhadores informais que em alguns casos específicos não contam com escolarização o suficiente para acompanhar este processo de desenvolvimento.

O que Escobar (1998) vai denominar como seguimento de um modelo cultural hegemônico, onde faz uma crítica ao enfoque convencional do desenvolvimento que encontra-se centrado na modernização e industrialização como um caminho para o progresso, neste sentido Escobar (1998) argumenta que tais modelos e “receitas neoliberais” não têm em consideração o às realidades culturais e sociais das comunidades no chamado “terceiro mundo”. Não foi por nada que este pensamento de oferecer “melhores condições” aos países subdesenvolvidos que vivem na miséria surgiu de um dos “países modernizados” no pós-segunda guerra mundial, por tanto na história da América latina encontra-se pautada em organismos externos a ele pensando em estratégias para desenvolvê-lo.

E desta mesma forma organiza-se ao planejamento e elaboração das políticas públicas para atingir a sua população em diversos momentos sem um estudo prévio dos locais e a diversidade presente no território por oportunidades políticas ou janelas de oportunidades, que deixam atrás as problemáticas que levam anos sem sequer entrar nas agendas de governo.

## OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPATIVA E ENTREVISTAS

O primeiro momento foi o dia sábado, 23 de setembro às 08:00 h da manhã devido ao combinado com um estudante da UNILA que trabalhava como sacoleiro, a intenção era acompanhar no seu dia de trabalho; questão que por problemas de última hora não foi possível fazer, o que depois de uma breve reflexão optou-se pela observação não participativa compreendendo que este não é a melhor maneira de fazer uma observação, entretanto, era o que se encontrava nos parâmetros e nas possibilidades da saída a campo marcada para este dia.

O dia estava com um calor particular, pois tinha vento que cooperava para o calor suportável, o Rio Paraná com um verde helecho fluindo em direção ao vento, o multidão de pessoas era consideravelmente alto tendo em conta que era final de semana; entre esta multidão se podiam observar a diversidade e contraste social existente na vida entre fronteiras, tinha desde pessoas passando em transportes climatizados com ar condicionado na maior parte turistas (foi deduzido por a sua ação de fotografar tudo), trabalhadores e estudantes migrantes, trabalhadores da “ilegalidade” como são conhecidos os sacoleiros/laranjas, em este ambiente tinham uma parte do multidão que caminhava com muita pressa com sacolas grandes nos dois braços.

Já do outro lado da ponte no denominado centro de Ciudad del Este caracterizado pelo comércio de fronteira foi possível observar que não há um padrão no controle por parte das duas aduanas tanto de Brasil como do Paraguai, posteriormente estão algumas lojas de eletrônicos, destaca-se que a maioria dos objetos que são passados ao outro lado da ponte são eletrônicos; o primeiro lugar onde entramos foi o Shopping Lai lai onde foi possível observar um fluxo grande de pessoas com diversos produtos em caixas e outras que ainda estavam arrumando os produtos, os mesmos sem características de parentesco, a observação foi realizada como uma pessoa que se encontrava esperando, após uns 20 minutos aproximadamente chegaram outras pessoas e levaram as mercadorias e em todos os andares percorridos tinham no mínimo duas pessoas com um monte de caixas de cartão cheia de produtos. O segundo estabelecimento foi Jebai center onde foi observado a mesma situação pessoas organizando suas mercadorias de maneira rápida em suas bolsas esperando pelas pessoas que iriam transportar os produtos “os laranjas” para passar as

mercadorias pela ponte, também eram produtos eletrônicos. O último estabelecimento foi o maiorista 8 de agosto onde a maioria dos produtos são brinquedos esse lugar fica bem perto da ponte, e se pode observar a acumulação de vans que fazem o serviço de cruzar as mercadorias para o Brasil junto com os sacoleiros.

Seguindo o caminho das vans foi possível perceber que a maioria se dirigiam a um ponto perto, um local onde tinha vários ônibus (tours de compras) onde tinha gente esperando as mercadorias (sacoleiros), as vans voltavam vazias e os “laranjas” caminhando para a ponte.

Ciudad del Este é um lugar agitado e estressante, o calor e agobiante todo mundo correndo o trânsito engarrafado não contribui, pois não é lugar fácil de trabalhar para ser laranja é preciso ter um bom estado físico e mental.

Para situar aos leitores Paraguai não tem saída ao mar e todos esses produtos vêm da China pelo porto de Santos Brasil. Ciudad del Este possui imigrantes chineses e árabes os quais são os donos das principais lojas. A rota China-Paraguai-Brasil corresponde ao sistema de produção no sul da China, à importação dos mesmos pelos imigrantes chineses e árabes que estão no Paraguai e à revenda para os sacoleiros brasileiros que, por meio do trabalho “formiga”, são responsáveis pela presença de grande parte desses bens nos mercados populares do Brasil [...] (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p. 119). Os brasileiros e paraguaios são contratados tanto no mercado formal como informal sendo assim os imigrantes os donos das lojas. Em Ciudad del Este podemos encontrar uma mistura cultural que se reflete claramente nas comidas vendidas pelos ambulantes.

Foram feitas duas entrevistas em duas datas diferentes, a primeira foi um dia de setembro a entrevista foi a modo conversacional sobre o tema.

Mulher de 28 anos, profissão, estudante de graduação e natural de Foz do Iguaçu:

*A: “Olha, eu trabalhei 3 años como laranja, e normalmente era o nosso contato das lojas de São Paulo, quem ligava para nós e fazia o seu pedido, eu não tinha outro trabalho pela dificuldade mesmo de conseguir um emprego, isso foi em 2013 e toda vez a gente passava caminhando e dependendo do dia e as mercadorias eram umas 4 a 5 vezes por dia que eu passava aquela ponte com esse calor dos infernos, eles pagam uma média de 10 a 20 reais por passar é um trabalho muito sofrido pois geralmente as pessoas que entramos nesse meio por não conseguir encontrar trabalho fixo na cidade e vemos*

*neste meio uma forma de ganhar o nosso sustento pelo menos o básico que precisa para pagar água, luz, comida”.*

*“infelizmente a sociedade julga muito chamando a maioria de vagabundo, o preconceito com as pessoas que estão realizando o trabalho, eles julgam como se todos estivéssemos levando droga, arma como se esse contrabando fosse feito atravessando a ponte de dia, por mais que seja para o sustento da sua família sendo a única forma que acharmos”*

*“E essa vida, esse trabalho ensina a gente muitas coisas apesar de todas as suas dificuldades, e para sair dessa vida fizemos o possível para conseguir estudar, eu e meu marido por exemplo ele trabalhou com isso 2 anos para conseguir terminar a faculdade e hoje ele é Assistente Social, e eu estou aqui no processo também mas isso não quer dizer que todo mundo conseguiu né”.*

A segunda entrevista foi feita no mesmo mês, homem de 38 anos trabalha fazendo “bicos” quando tem vagas:

*B: “eu comecei nesse trabalho com o meu tio, para estudar eu mudei com o tio, no sitio dos pais não tinha escola perto, tinha uns treze anos para ganhar um dinheiro extra, cerca de duzentos e cinquenta reais por noite, entrava a noite nos portos clandestinos que já eram feitos com esse propósito no meio de um matagal muito fechado, esperava o barco, normalmente uma embarcação grande lotada de mercadorias onde mal cabiam dois homens, que atravessava o lago vindo do Paraguai retiravam as caixas que continham roupas, brinquedos ou cigarros e levava até um caminhão para depois ir até uma chácara onde eles escondiam a carga até ser liberada as estradas com destinos diversos como São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro”*

*“a noite era escolhida conforme o fluxo de policiais pela terra pela água e pelo ar que eram compartilhados a partir de um rádio de mão, os olheiros eram os policiais davam detalhes de operações policiais e até mesmo placas e modelo dos carros que eram usados, esses olheiros recebem muito bem para isso, mas mesmo com todo esse cuidado ele já teve amigos que foram pegos e ficaram presos durante 15 dias e que ele também teria sido pego se não tivesse fugido pelo Matagal e pelas plantações onde eram feitos labirintos no meio do milho e da soja”*



*“se a carga era apreendida não recebia nada a não ser que escondesse para pegar depois e vender por conta, mas claro tudo escondido para o dono da carga não descobrir senão poderia perder a confiança e até mesmo ter problemas piores, já cheguei a ser chamado para carregar drogas onde recebia 600 por noite, mas depois que fui preso desisti por que da próxima vez ficaria por muito tempo na cadeia”*

*“ tentei uma vez depois que saí porém quando vi um drone que estava filmando desisti, inclusive chorei e fui embora, nunca quero voltar para a prisão e não quero correr o risco não vale a pena, agora que ele já tenho anos de experiência estão chamando para dirigir o caminhão sendo quinhentos reais por noite, estou muito feliz, sempre quis muito ser caminhoneiro mas nunca consegui tirar a carteira”*

Estes relatos oferecem um panorama bom de como mais ou menos funcionaria o trabalho desenvolvido, e a sua precarização e exploração, sendo levado pela necessidade a submeter-se a este tipo de trabalho que expõe a perigos à vida, à liberdade e dignidade da pessoa, e ainda sendo julgados pela própria sociedade que faz uso dos serviços ou consome os produtos. A lógica em que se mobilizam no seu cotidiano estes trabalhadores dentro do dinamismo urbano fronteiriço permite ver a múltipla faceta fronteiriça. Uma tríplice fronteira que atrai turistas de diversas partes do mundo, zona de livre comércio é um dos maiores centros comerciais da atualidade e abastece o mercado brasileiro com os mais diferentes produtos (de forma legal e ilegal), é local estratégico para o Brasil tanto pela presença da Hidrelétrica Binacional de Itaipu e Cataratas do Iguaçu, é local de intensa contravenção e tráfico de drogas, armas, de exploração do trabalho e desnaturalizar esses processos é um desafio histórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o ponto de vista da centralidade do trabalho humano para a subsistência a produção deste trabalho contribuiu para desnaturalizar processos históricos da precarização do trabalho dentro da lógica do capitalismo e o produto da reestruturação produtiva<sup>31</sup> que afetou permanentemente o mundo do trabalho com a flexibilização do

---

<sup>31</sup> A partir dos anos 1970, quando o capitalismo entra em crise e o modo padrão de produção fordista/taylorista passa por um esgotamento, com incapacidade de a retração de consumo que se acentua, retração em resposta ao desemprego estrutural.



ANAIS do 5º Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social  
O MUNDO ATUAL: TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA ECONÔMICA E SOCIAL  
Foz do Iguaçu 12 a 17 de agosto de 2024

trabalho, terceirização a perda da regulamentação o desemprego afetando brutalmente a classe trabalhadora; e estas formas de trabalho na ilegalidade dentro da precarização, relações hierárquicas é um produto deste processo histórico.

Por meio da observação e das entrevistas foi possível compreender melhor como funcionam as relações de poder presentes em estas formas de trabalho, o medo ao julgamento e observar como é organizada a estrutura comercial que emprega a milhares de famílias da tríplice fronteira e de outros estados do Brasil sendo impossível evitar a entrada de produtos de contrabando que sustento de alguns e o grande negócio de outros. Esta organização comercial que nasce entre as fronteiras, permite às pessoas em situação de desemprego uma forma de sustento familiar, e encontram-se nesse contexto que não apenas trata-se da remuneração e sim uma atividade que faz parte de toda uma cultura e vida social que começa desde o caminho que transitam estas mercadorias na primeira compra até que chega ao seu último consumidor.



## REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Arturo; ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo**. Editorial Norma, 1998.

EVERSOLE, Robyn. Antropología para el desarrollo: de la teoría a la práctica. Routledge, 2017.

KOTTAK, Conrad Phillip et al. Antropología cultural. 2006.

MOSSE, David. Una etnografía de las políticas de la ayuda en la práctica. **Antropología y desarrollo. Discurso, prácticas y actores**. Madrid: Los libros de la Catarata, Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación, Universidad Complutense de Madrid, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, R. CHINA-PARAGUAI-BRASIL uma rota para pensar a economia informal. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 117-133, jun. 200

ROSEIRA, A. M. Foz do Iguaçu, integração regional e dinâmica espacial na tríplice fronteira. In: Encuentro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideu. 12 Encuentro de Geógrafos da América Latina, 2009.



**ANAIS do 5º Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social**  
**O MUNDO ATUAL: TRANSFORMAÇÕES NA GEOGRAFIA ECONÔMICA E SOCIAL**  
Foz do Iguaçu 12 a 17 de agosto de 2024